

FALTA DE CONHECIMENTO DA LIBRAS NA FAMÍLIA DO SURDO E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES EM SEU PROCESSO EDUCACIONAL

Rayssa Feitoza Felix dos Santos ¹

RESUMO

O presente trabalho aborda o contexto linguístico em que o surdo geralmente está inserido e como seria o ideal para que ele possa passar pelo processo de aquisição da língua de sinais na idade adequada e da melhor forma. Nesse contexto, podemos observar os avanços que a disseminação da Libras tem alcançados principalmente no âmbito escolar, mas, em contrapartida percebe-se a urgência de ações que deem às famílias dos surdos, em especial das crianças surdas, conhecimento sobre a língua de sinais, ao mesmo tempo em que precisa partir dos familiares o interesse em aprender esta língua. Temos como objetivo desta pesquisa, analisar a influência do ambiente linguístico familiar no desenvolvimento da criança surda. Fundamenta teoricamente nossa pesquisa autoras como Goldfeld (2002) que trata sobre o processo de aquisição da linguagem pela criança surda; e Gesser (2009) que aborda questões basilares sobre a Língua de Sinais. Nossa pesquisa com abordagem qualitativa e classificada como descritiva tem como instrumento de coleta de dados o questionário, que foi aplicado a professores surdos. Como principais resultados, encontramos nas repostas dos professores indicação de que as vezes as famílias além de não conhecer a Libras dificultam a aquisição da Libras pelo Surdo, por defender que eles deveriam aprender a língua majoritária do país na modalidade oral. Ainda nos resultados, temos a contribuição de professores que defendem a Educação Bilíngue como uma forma de possibilitar aos estudantes Surdos a imersão num ambiente linguístico adequado para seu processo de aquisição da primeira língua.

Palavras-chave: Libras. Surdo. Família.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa encontra-se no bojo da educação de surdos, e tem seu foco nas implicações que podem ser causadas no processo de aprendizagem dos Surdos, devido à família não possuir conhecimento acerca da Língua de Sinais e, portanto, não se comunicar com o filho Surdo em sua língua, não propiciando um ambiente linguístico em que a criança possa desenvolver-se linguisticamente.

¹ Mestra em Educação em Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM, da Universidade Federal de Pernambuco no Campus do Agreste. Especialista em Língua Brasileira de Sinais. Pedagoga. Graduanda em Letras-Libras. Tradutora e Intérprete de Libras. E-mail: rayssa.felix@gmail.com

Partindo da compreensão de que é fundamental que a criança esteja inserida num contexto linguístico para que possa passar pelo processo de aquisição natural de uma língua, se faz necessário que a família da criança Surda tenha conhecimento linguístico sobre uma língua de modalidade que seja possível ser aprendida pela criança.

A escolha deste tema justifica-se por inquietações a respeito do contexto em que geralmente os estudantes Surdos conhecem a língua de sinais, que é sua língua natural e comunicam-se através dela na escola, mas, em casa seus familiares desconhecem a Libras e usam, portanto, outras formas de comunicação, formas estas, limitadas geralmente a gestos “caseiros”.

Ancoramos nossa pesquisa em autores como Goldfeld (2002) que trata sobre o processo de aquisição da linguagem pela criança surda; Gesser (2009) que aborda questões fundantes sobre a Língua de Sinais; Quadros (2008) que aborda a educação bilíngue para Surdos, entre outros.

A partir do contexto apresentado, propomos como objetivo geral analisar a influência do ambiente linguístico familiar no desenvolvimento da criança surda. E como específicos: elaborar um resgate teórico da necessidade de um ambiente linguístico adequado para que as crianças Surdas possam adquirir sua língua; compreender a concepção de professores surdos acerca do ambiente linguístico ideal para crianças Surdas; e, identificar possibilidades de como tornar realidade o ambiente linguístico ideal para que as crianças Surdas estejam inseridas. Com vistas a alcançar os objetivos propostos, enviamos questionário para professores Surdos relatarem sua compreensão sobre a temática, enquanto pessoa Surda que passou pelo processo e profissional que acompanha o processo de aquisição da linguagem por crianças Surdas.

METODOLOGIA

Este trabalho apresenta abordagem qualitativa, pois de acordo com Minayo (1995, p. 21), “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Escolhemos como instrumento de coleta de dados o questionário on-line, devido à necessidade ainda de diminuição da disseminação da COVID-19 por meio do distanciamento social. O questionário enviado foi a professores surdos, por entendermos que estes agentes da educação têm sua vivência enquanto pessoa Surda, passou pelo

processo de aquisição da Língua de Sinais, faz parte da comunidade Surda e acompanha também enquanto professor, o processo de aquisição da Libras por crianças Surdas, podendo expor com propriedade sua visão a respeito da temática.

Esta pesquisa é uma reformulação/ampliação do paper aprovado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado na Segunda Licenciatura em Letras-Libras. A ampliação da pesquisa se refere à aplicação de questionários e encontra-se em andamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua brasileira de sinais – Libras, é a língua natural da pessoa surda, também chamada de língua materna. Segundo Gesser (2009, p. 33) a “língua de sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística”. Essa é a língua que a pessoa surda tem o direito de usar para se comunicar. No contexto educacional encontramos notórios avanços relacionados a políticas públicas para educação especial na perspectiva inclusiva nas últimas décadas. Tratando especificamente da educação dos Surdos, temos como grande marco de conquista, o direito à atuação de um intérprete de Libras em cada sala em que haja estudantes Surdos, para que estes alunos tenham acesso aos conteúdos por meio de sua própria língua.

Desta forma a Libras tem sido difundida, pois numa sala de aula regular onde a maioria dos estudantes são ouvintes, direta ou indiretamente, muito ou pouco esses alunos ouvintes terão contato com a Libras, seja vendo o intérprete em sua atuação, ou buscando interagir com o colega Surdo. Além dessa, outras ações acontecem com vistas a promover a difusão da língua de sinais.

Essas ações que buscam difundir a Libras não acontecem por acaso. Foi por meio de reivindicações da comunidade surda que conseguimos e hoje temos a Lei que reconhece como “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002).

E, a partir do Decreto Nº 5.626/05 que regulamenta a referida lei, temos garantida a atuação do intérprete, a disciplina de Libras como obrigatória nas licenciaturas e outros cursos, entre outras medidas que contribuem para a difusão da Libras (BRASIL, 2005).

Essa propagação de conhecimento diminui a crença em mitos que por muito tempo foram – e muitas vezes ainda são – erroneamente relacionados à língua usada pelos Surdos. Mitos como a língua dos Surdos é mímica, é uma língua universal, a língua de sinais é a versão sinalizada da língua oral; precisam ser suprimidos, pois há mais de 40 anos a Libras recebeu o status linguístico e atualmente ainda precisamos reafirmar o óbvio (GESSER, 2009).

É sabido que toda criança deve passar pelo processo de aquisição de uma língua, para poder se comunicar. No caso da criança surda, a língua natural para ela é a língua de sinais, por ser de modalidade visual espacial, provendo maior afinidade com as especificidades sensoriais apresentadas pelo Surdo. No entanto, Goldfeld (2002) apresenta outras funções da linguagem também essenciais para o ser humano. A autora afirma que “a linguagem além de ter a função comunicativa exerce também as funções organizadora e planejadora, ou seja, é o instrumento do pensamento mais importante que o homem possui” (GOLDFELD, 2002, p. 60). Assim, compreendemos que para além da comunicação, a aquisição de uma língua possibilita ao sujeito a organização do pensamento, algo de uma relevância indescritível. Fica, portanto, notória a importância de passar por um processo de aquisição de uma língua.

No caso dos Surdos, apesar dessa aquisição acontecer em faixas etárias diversas, pela falta de contato com outros Surdos na infância, Goldfeld (2002, p. 60) afirma que “a criança surda que sofre **atraso de linguagem** fica em **desvantagem** em relação às crianças que adquirem a linguagem naturalmente” (grifos nossos).

Por isso inferimos a necessidade de a família estar inserida no contexto linguístico que o Surdo precisa para passar de forma natural pelo processo de aquisição da língua de sinais.

Como apresentado anteriormente, estamos num processo de ampliação do acesso a Libras nas escolas. Esse movimento tende a continuar crescendo na área educacional. Mas, e as famílias destes estudantes Surdos? Como a família percebe a importância de ela própria – os familiares da criança surda – aprender Libras para melhor educar e orientar essa criança, para possibilitar a ela uma comunicação plena em casa?

É na escola que a família busca apoio, e logo toda a ideia de incapacidade é substituída por capacidade, é neste local que os alunos surdos conhecem sua língua, descobrem sua identidade surda e desenvolvem suas potencialidades. Se a família tiver conhecimento e buscar compreender a importância da

Língua de Sinais e quanto mais cedo for o contato melhor será para a criança (SILVA; CRUZ; CONCEIÇÃO, 2017, p. 11).

Apesar de a escola buscar cumprir seu papel, difundir, incentivar o uso da Libras e dispor de profissionais da área, isso não é o suficiente para a pessoa surda, porque no seio familiar a criança passa grande parte do seu tempo. Com a família a criança deve passar por diversos momentos de aprendizagem, sobre os mais distintos conceitos, antes mesmo de a criança atingir a idade escolar. E esse processo de aprendizagem dos conhecimentos prévios acontece de forma natural, no dia a dia, envolto pela linguagem. Para que isso aconteça de forma plena, se faz necessário aos familiares falarem a mesma língua da criança, no caso, a Libras.

Goldfeld (2002, p. 56) afirma que “os problemas comunicativos e cognitivos da criança surda não têm origem na criança e sim no meio social em que ela está inserida, que [...] não utiliza uma língua que esta criança tenha condições de adquirir de forma espontânea, a língua de sinais”. Nota-se, portanto que a dificuldade é apresentada pelo meio em que a criança surda se encontra que não provê para ela um ambiente linguístico no qual ela possa se desenvolver. Afinal, a “criança surda que recebe estímulos adequados da família é preparada para o desenvolvimento cognitivo, podendo atingir patamares compatíveis com crianças da mesma idade que escutam” (GUARINELLO; LACERDA, 2007, p. 105).

Os Surdos filhos de pais Surdos nascem envoltos num contexto linguístico que os possibilita passar pelo processo de aquisição da língua de sinais de forma espontânea, pois os pais falam a língua que o filho tem condições sensoriais de aprender. Mas, essa é a exceção, a realidade mais comumente encontrada é uma criança surda nascer em meio a uma família de ouvintes. Geralmente os pais “têm uma reação de choque, posto que aproximadamente 94% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes” (GUARINELLO; LACERDA, 2007, p. 105). As autoras continuam informando que

Muitas mães, ao descobrir a surdez, deixam de falar com seus filhos e o tratam de maneira diferente por não se sentirem à vontade diante de algo que não conseguem compreender. A ruptura na comunicação ou a quebra de vínculos, se persistir por muito tempo, pode afetar seriamente o desenvolvimento emocional e as habilidades linguísticas [sic.] e comunicativas da criança surda (GUARINELLO; LACERDA, 2007, p. 106).

Faz-se necessário, portanto, que ações sejam realizadas para com o propósito de diminuir a quantidade de famílias que desconhecem a Libras, contribuindo para que

mais famílias de Surdos aprendam a língua de sinais e possibilitem um adequado ambiente linguístico para que o Surdo possa se desenvolver.

Obviamente, o desejo de aprender Libras e aceitação da realidade deve partir das famílias, como afirma Negrelli e Marcon (2006, p. 103), “torna-se essencial que as famílias aceitem essa nova forma de dialogar e aprendam, coletivamente, a fazê-lo”. No entanto, como dito anteriormente, para colaborar e impulsionar esse processo, ações precisam acontecer no sentido de apresentar o contexto e os conhecimentos necessários às famílias das crianças Surdas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as principais respostas recebidas a partir do questionário, destacamos a seguir algumas. Quando perguntado aos professores Surdos qual o desafio que eles consideram como sendo o mais difícil de ser superado nesse contexto da aquisição da linguagem, obtivemos respostas como a que se segue: É difícil vencer que às vezes a família proíbe o surdo de aprender Libras, eles têm que falar oralmente, sei como é, família é difícil. A Libras é importante para que os surdos entendam e possam se comunicar. (Professor Participante, 2021).

Nessa resposta nos deparamos com a realidade apontada por Guarinello e Lacerda (2007), ao afirmarem que por volta de 94% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes, pois quando crianças Surdas nascem em lares onde seus pais são Surdos, a criança crescerá num ambiente linguístico propício para aquisição da sua linguagem, uma vez que os pais se comunicam através de uma língua de modalidade visual-espacial que pode ser adquirida naturalmente pela criança.

No caso dos pais ouvintes, por geralmente desconhecerem a língua de sinais, inclusive seu status linguístico, tendem a considerar a Libras como mímica ou gestos, e como a família “não utiliza uma língua que esta criança tenha condições de adquirir de forma espontânea, a língua de sinais” (GOLDFELD, 2002, p. 56), devido a falta de conhecimento acabam também desestimulando a aprendizagem desta língua por parte do surdo e opta, muitas vezes por levar as crianças surdas para realizarem processos de oralização, como relatado.

Ao perguntarmos quais estratégias podem ser usadas para melhorar o processo educacional dos estudantes Surdos, um dos professores participantes indicou que é

importante que os alunos surdos estejam em salas de aula bilíngues. (Professor participante, 2021).

A proposta de educação bilíngüe, elaborada e defendida atualmente pela comunidade surda, prevê o ensino da Libras aos estudantes Surdos desde os primeiros anos da criança na escola, justamente para que ela tenha acesso desde cedo à sua língua materna, a Libras.

A escola que se propõe executar a educação bilíngüe (língua portuguesa e LIBRAS) vai precisar considerar essa complexidade no seu dia-a-dia, redesenhando os espaços escolares, passando a inserir em seu quadro professores bilíngües (surdos e ouvintes) e intérpretes de língua de sinais (QUADROS, 2008, p. 17).

Na proposta educacional bilíngüe, os professores são fluentes em Libras e as aulas são ministradas nessa língua. Diferente da educação na perspectiva inclusiva como temos hoje, em que as aulas são ministradas em português e o intérprete de Libras faz a mediação do conhecimento para o estudante Surdo.

Quando foi disponibilizado um espaço para que os professores expressassem alguma experiência exitosa ou desafiadora que ficou marcada em sua memória a respeito da temática abordada, um dos professores registrou: Nunca esqueço a união dos surdos sempre envolvidos, se comunicando em língua de sinais, esse é meu desafio, gosto de conversar com outros surdos por essa forma de comunicação. (Professor participante, 2021).

Podemos perceber nas entrelinhas dessa resposta a alegria de poder utilizar uma língua numa modalidade em que o participante tem afinidade e total condição de comunicar-se. A Libras mais do que nunca é reconhecida como forma de comunicação da comunidade Surda brasileira e precisa ainda ser mais conhecida pela grande parcela da população ouvinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica nítido na literatura acerca da família do Surdo que é quase a totalidade que desconhece e/ou não usam a Libras. Constatamos, nas pesquisas, que se faz essencial o envolvimento da família no que se refere a aprender a língua de sinais e utilizá-la para se comunicar com a pessoa surda, além de perceber o quanto é importante que esse processo de aquisição da língua de sinais pela pessoa surda deve acontecer o mais cedo possível. No

contexto escolar, nos referindo ao professor do aluno Surdo a realidade não é muito diferente.

Considerando, portanto, que estas pessoas (familiares e professores) são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, reiteramos a necessidade de ações que visem o ensino de Libras para familiares e professores ouvintes e, o incentivo a atuação de professores de Surdos nas escolas, com vistas a beneficiar os próprios Surdos em seu processo de inclusão linguística, escolar e social.

AGRADECIMENTOS

Gratidão aos participantes da pesquisa, por tornar possível essa análise que está sendo construída com vistas a impulsionar ações de ensino da Libras a familiares de Surdos e aos ouvintes em geral. Gratidão a todos os Professores Surdos que têm se dedicado a difundir conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e contribuir em seus contextos de atuação com a construção de um ambiente linguístico adequado às crianças Surdas e por serem referência para muitas destas crianças que veem em vocês a prova de que podem sonhar alto e lutar para tornar os sonhos uma realidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 24 maio 2021.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. ed. 7. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARINELLO, A. C.; LACERDA, C. B. F. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In: SANTANA, A. P.;

BERBERIAN A. P.; GUARINELLO, A. C.; MASSI, G. (Orgs.). **Abordagens Grupais em Fonoaudiologia contextos e aplicações** (p. 105-120). São Paulo: Plexus, 2007.
Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/19726.pdf>>
Acesso em: 26 maio 2021.

NEGRELLI, M. E. D; MARCON, S. S. Família e criança surda. **Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, jan./abr. 2006. Disponível em:
<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5146/3332>>.
Acesso em: 29 maio 2021.

QUADROS, R. M. A educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva no Brasil. **Informativo Técnico-Científico Espaço**, INES, Rio de Janeiro, n. 30, p.12, Jul-Dez 2008.

SILVA, José affonso Tavares; CRUZ, Alanne de Jesus; CONCEIÇÃO, Fábio Henrique Gonçalves. O aprendizado da Libras como segunda língua pela família do surdo. **Anais... 10º Encontro internacional de formação de professores**. v. 10, n. 1, 2017.
Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/4688/1717>> Acesso em: 29 abr. 2021.